

Sarney prevê crise internacional

JORNAL DE BRASÍLIA

1 DE ABRIL 1989

Arquivo 26.1.88

Celson Franco

Enviado especial

São Luís — O presidente José Sarney disse ontem que o problema da dívida dos países latino-americanos só será resolvido com uma crise internacional que, segundo ele, “está se aproximando”. Sarney chamou atenção para a impossibilidade de os países devedores pagarem suas dívidas externas, e exemplificou com o Brasil, que gasta 5% do seu Produto Interno Bruto com o pagamento do serviço da dívida.

Identificando na dívida externa o grande problema do Brasil e de toda a América Latina — o país dispõe de apenas 7% de seu Produto Interno Bruto para fazer frente às responsabilidades do Estado — o presidente José Sarney advertiu que “nenhum regime sobrevive se não for justo, se não fizer a felicidade do povo e se não resolver os problemas da nação”.

Reclamou que o problema da dívida brasileira poderia ter sido resolvido na época em que o país suspendeu o pagamento do serviço da dívida: “Tentei de toda maneira

resistir, cheguei mesmo a suspender o pagamento do serviço da dívida, mas não tive apoio nacional para sustentar essa posição, o que foi ruim para o Brasil e para toda a América do Sul”.

“Agora”, lamentou, “esse problema só será equacionado com uma crise internacional, e essa crise vai aparecer, ela está se aproximando a cada dia que passa, porque é impossível que este problema continue nos termos em que está hoje”. Para ele, se essa situação se mantiver, os países devedores não terão condições para se sustentar.

Por isso o presidente José Sarney defende a criação de uma nova ordem econômica, e observa, tomando para si o pioneirismo dessa tese, que até os Estados Unidos já admitem uma negociação mais política da dívida, através do plano do senador Nicholas Brady.

Mas nem isso parece deixar o Presidente animado, no que se refere ao equacionamento da questão. Ele argumentou ontem que o “Plano Brady”, do ponto de vista teórico resolve o problema. Mas manifestou uma certa descrença, ao observar que, “do ponto de vista operacional a questão está ainda muito nebulosa”.

Falta de apoio deixa mágoa

O presidente José Sarney lamentou três vezes ontem, na entrevista coletiva que deu durante a viagem pela ferrovia Norte-Sul: lamentou a falta de apoio, quando suspendeu o pagamento do serviço da dívida, em 1987; lamentou não ter enfrentado, no primeiro momento, os inimigos da estrada de ferro; e lamentou não ter feito, “absolutamente, aquilo que desejava” no governo.

Ao inaugurar a obra que ele pretende seja a marca física de sua administração, o Presidente da República disse que lutou com muitas dificuldades, desde que subiu a rampa do Palácio do Planalto, ressaltou que teve de travar “uma verdadeira batalha campal” para governar o País, e justificou o fato de não ter feito o que queria com o destino que o obrigou a assumir um governo ao qual não se candidatara como presidente.

“Não tinha um plano de governo”, reclamou, “mas apenas o protocolo da Aliança Democrática” para administrar um país em crise. Mas “tudo seria muito diferente”, desabafou o presidente.

Proposta

Não tinha. E sabe que agora só lhe resta lamentar. E desejar que os candidatos à sua sucessão tenham uma proposta para tirar o

País da crise. Fez isso ontem, lamentando também que os candidatos não têm debatido os problemas nacionais, e observando que a campanha, até o momento, gira apenas em torno de nomes e não de programas de governo.

Da omissão diante dos ataques à ferrovia Norte-Sul o Presidente disse que vai compensá-la, nestes meses que lhe restam de governo. A parte que corta o seu Estado — o Maranhão — ele pretende concluir antes do final do mandato, levando a ferrovia até a fronteira com o Estado do Tocantins.

O restante, perto de 1.400 quilômetros, o presidente José Sarney está procurando assegurar a sua continuidade, e se for preciso, afirmou, “farei vigília nos pontos de parada exigindo a retomada da obra, se o meu sucessor interromper a construção”.

Ele está cuidando para que a implantação da Norte-Sul atinja um ponto em que se torne irreversível, com a efetivação de três frentes de trabalho: uma, cujo primeiro trecho ele inaugurou ontem, partindo de Açailândia; outra, subindo de Goiás; e uma terceira, no meio do percurso: “Ninguém vai ter coragem de parar a Norte-Sul”.

Quanto à falta de apoio à “motória”, só corre ao Presidente lamentar. (C,F)